



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

10 de Setembro de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1761

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Encontros nas margens

A realidade que nos rodeia pode ser um enigma indecifrável, se não estamos *enraizados em Cristo*. Neste mundo pós-moderno, o relativismo e a confusão de ideias, deixam os incautos sem fundamentos seguros, isto é, referências para a existência humana.

Ao aproveitarmos algum tempo, numa sala de espera, com gente padecente, em pleno Verão, nossos

olhos míopes fixaram-se nalgumas linhas de um jornal diário. Ficámos estupefactos (ou não...) com o descaramento de falar sobre *a influência perniciosa da Igreja na sociedade portuguesa, como a formação das crianças e adolescentes*.

A Igreja não ameaça cair, porque está edificada sobre a Rocha firme. Será que querem apagar do mapa os benefícios do testemunho cristão, até na linha da Cari-

dade? Pensávamos nós que era consensual a luta a travar, sem tréguas, contra as misérias que ferem a dignidade humana. Foi Santo Agostinho que nos elucidou: *o inimigo de Deus não pode ser amigo do homem*.

Nem de propósito, por esses dias, ligou-nos de além mar, em África, o pai de um menino: — *Quando será baptizado o Malam?* Esta criança tem uma doença oftalmológica, em tratamento.

Entretanto, na proximidade do mar, rodeados pela alegria esufiante da nossa garotada, na Praia de Mira, abeirou-se de nós discretamente uma senhora mortificada,

Continua na página 2

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

FIQUEI satisfeito ao ouvir o nosso «Pauliteiro» contar-me que já não recebia o rendimento mínimo: «Agora que já trabalho, cortaram-me logo!»

Enquanto limpava as lentes dos seus óculos de sol, ia-me respondendo às perguntas que lhe fazia sobre o seu trabalho em terras de Espanha. Só fiquei um pouco duvidoso do ordenado que dizia ganhar, se calhar resultado de brilho exagerado nas lentes.

Apesar de tudo fiquei feliz. Outras situações são para nós causa de tristeza e sofrimentos, em que lutamos para ajudar os beneficiados a deixarem de beneficiar desse paralisante subsídio.

Em vez disso, ajudas pontuais? Certamente; mas não sistemáticas. Quando os bebés começam a querer andar damos-lhes a mão, que retiramos tão depressa quanto os sentimos com equilíbrio. Uma e outra vez, e logo deixam de precisar de ajuda.

Temos cá três rapazes, irmãos, que têm tido nas férias grandes um tratamento *vip*. Aconteceu isso no ano passado e repetiu-se neste. Por ordem do Tribunal que Promove e Protege as suas vidas, foram conduzidos de Paço de Sousa a Lisboa, e volta, em transporte oficial do Estado, em serviço exclusivo, para visitar uma familiar.

Eles vão, e suponho que não entendem nada do que se passa. Eu também não entendo nada. Pensei que, assumindo o encargo de velar pela sua saúde, sustento e demais obrigações familiares, podia também decidir e assumir o encargo dos seus transportes em eventuais visitas aos seus familiares. Mas não!

Decerto que muita gente já esqueceu os tumultos verificados, recentemente, em Inglaterra. As notícias do mundo aparecem em catadupa e rapidamente perdem a actualidade.

Vi muita gente espantada com o facto de estarem inseridos nessas manifestações violentas, muitos adolescentes. Eu confesso que não me espantei. Se recuarmos alguns anos e virmos como passaram a ser protegidas as crianças e jovens nesse país, métodos que se estenderam a outros países, em prejuízo da coesão familiar, portanto social, depressa concluiremos que os pais não poderiam obstar a esta situação quando as autoridades lhes pediram para conservarem os filhos em casa. Se retiraram a autoridade aos pais na educação dos seus filhos, como poderão eles obtê-la através duma simples orientação espontânea de uma Autoridade aflita? □



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

DUAS mães vieram ter comigo com os seus filhos. Estes, são sempre as melhores companhias daquelas.

A primeira, apresenta-se com a recomendação de uma assistente da Segurança Social.

As mais devotadas deste departamento do Estado sabem que nós chegamos onde as peias da legislação não as deixa ir. A nossa pobreza tem capacidade para resolver problemas que o Estado marginaliza.

A mulher maltratada — e, de tal modo, que se viu obrigada a recorrer à autoridade que a retirou da casa onde morava com o filho e o marido e a colocou num desses refúgios oficiais, onde esteve desde os fins de Maio — tem uma filha que, também vítima do pai, saiu antes de casa e conseguiu acabar um curso na Escola Profissional. Arranjou trabalho e ganha 500

euros por mês. A mãe e o irmão saíram do refúgio e vieram viver com a filha e a irmã, na esperança de encontrar trabalho em Setúbal.

Um mês depois, sem conseguir emprego, os problemas financeiros começaram a estrangulá-los. É evidente que de quinhentos euros para pagar renda de trezentos e cinquenta, água, luz e gás, pouco resta para comer, sem falar já em roupa, calçado e remédios. A senhora, uma pessoa do campo, tinha um aspecto óptimo. Humilde, temente a Deus, habituada a trabalhos mais duros, sofrida e cheia de coragem para enfrentar as dificuldades, mas sofrendo de uma terrível e espessa escuridão: falta de trabalho.

O rapaz, com quinze anos, está no 10.º ano. Apesar de ter abandonado a Escola no final de Maio, os professores passaram-no, sem dificuldade, devido ao seu bom

aproveitamento e melhor porte.

— *Eu sou ao contrário das outras mães* — dizia a senhora. — *Eu ralho com o meu filho para ele não estudar tanto, para dormir, alta noite, e se divertir ao Domingo. Mas ele não; quer sempre estudar. As outras mães vêem-se aflitas para que os filhos estudem, eu sou ao contrário.*

O que ela pretendia era que eu lhes desse acolhimento, trabalho e recebesse o filho como gaiato.

Bem me apetecia; mas a experiência diz-me que um rapaz desta idade, não se adapta facilmente à nossa Casa e, também, meter em Casa uma mulher que nos parece boa, à primeira vista, pode ser arriscado. Além de que a nossa vida não está fácil.

Assim, decidi comprometer-me a pagar os livros e o material escolar ao filho, enquanto for bom estudante e a dar-lhe, por mês,

cem euros, para ajudar a filha até que a mãe alcance trabalho.

O Património tem uma série de encargos mensais. Este é mais um. Estou certo que Deus não me faltará.

A outra senhora, uma mulher guineense que acompanhou a mãe de três que aqui acolhemos. Pergunta-me se eu conheço alguma instituição que lhe possa ficar com a filha, uma menina de 3-4 anos a sofrer de um sopro cardíaco e a precisar de internamento para se curar. Espera há meses por consulta e não sabe ainda quando ela acontecerá. Viera, também, para a casa de uns familiares que, agora, perderam o trabalho e não podem continuar a abrigá-la.

Dorme com a menina na estação de comboio e vive de esmolar.

A gente arrepia-se! Meu Deus que seria de mim, se me visse nesta situação!

A criança ainda não avalia, nem sente a amplitude da sua desdita..., mas a mãe?!...

Uma mulher a dormir na estação de comboios todas as noites! A sua filha é, naturalmente, o seu anjo da guarda, mas ela é mulher e uma pessoa nova!...

Outro compromisso mensal: — *Diga lá aos seus primos, que lhe darei, por mês cem euros, até que consiga trabalho, para eles continuarem a permitir que more na sua casa.*

A renda de casa. As prestações ao banco, a água e a luz cortadas, são um rosário infundável. Já se apodera de mim o medo quando vejo Pobres à minha espera.

Pão, iogurtes, fruta, por vezes até, cenoura e, ultimamente, peixe, a gente dá e dá sempre. Nunca negamos comida a ninguém. Agora, dinheiro?!... Isso é que é pior. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

José Reis

VINDIMA — Com a vaga de calor que se fez sentir nos últimos meses, as uvas amadureceram mais cedo! Começámos a vindima na Terça-Feira, 30 de Agosto; distribuíram-se tesouras e os Rapazes que não receberam tesoura ficaram a carregar as dornas de uvas. Enquanto vindimávamos, constatou-se que as uvas eram em pouca quantidade e um pouco estragadas.

ANIMAIS — No caminho para a vindima, houve um rapaz que se deparou com seis novos vitelos, uns nascidos recentemente, outros, há algumas semanas. O rapaz ficou surpreso por não ter ouvido nenhum burburinho sobre essas novas crias. Os vitelos estão saudáveis e a fortalecer-se.

ESCOLA — Com o início das aulas à porta, tivemos que fazer a lista dos rapazes que precisam de livros e encomendá-los; contudo, para alguns não foi preciso, porque chumbaram e ficam com os mesmos; outros, que passaram, ficam com os livros dos rapazes que transitaram daquele ano. Alguns, que estão em cursos profissionais, já iniciaram o ano lectivo.

Bom trabalho e aproveitamento. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — No final de Agosto, caíram algumas pingas de chuva. Ainda bem que já tínhamos colhido as espigas de milho grão na terra nova; e guardado no barraco, para depois descarolar. Na terra dos grilos, recolhemos muitas abóboras, que são boas para a nossa alimentação e dos animais. No pomar, temos continuado a apanhar fruta que cai no chão. Continuou-se a cortar a relva dos jardins, em frente às oficinas e atrás da Escola e da casa nova. As máquinas às vezes avariaram, com o muito uso. Uma ovelhinha morreu, no nosso rebanho. Algumas têm custado a vingar.

PRAIA DE MIRA — Na nossa casita de férias, na Praia de Mira, vai-se instalar um sistema de segurança; pois, de vez em quando, infelizmente, os amigos do alheio têm entrado lá. Deu-se uma arrumação melhor, depois do turno de férias.

ANO ESCOLAR — A 15 e 16 de Setembro, começam as aulas para os Rapazes do 1.º ao 3.º Ciclos, no Centro Educativo e na Escola EB 2,3 de Miranda do Corvo. As turmas já foram afixadas. Os pequenitos do Infantário retomaram a actividade. O Divino, o Victório e o Nandinho entram no 1.º ano de escolaridade. Felicidades! O edifício da nossa Escola, para já, vai ser aproveitado para salas de estudo, por anos, com melhores condições de trabalho.

PEDITÓRIOS — A 20 e 21 de Agosto, vários Rapazes foram às Eucaristias na paróquia de S. Julião, Figueira da Foz, cujo pároco é o Cónego João Veríssimo. Fomos muito bem recebidos. Muito obrigado ao sr. Prior e a todos os nossos Amigos! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

UMA VIDA DURA, UMA ALMA AGRADECIDA — Com data de 1 de Agosto passado chegou-nos um donativo valioso e uma carta com um belo testemunho de vida de M. Vitorino de Guimarães. O donativo veio para acudir a um dos casos que relatamos numa das nossas crónicas passadas. Não discriminamos os nossos leitores pelo valor dos donativos que nos confiam. Os olhos de Deus e aos nossos têm todos igual valor. Por isso, não distinguimos aqui este nosso leitor por esse tipo de razões, mas pelo rico testemunho de vida de que nos deu conta, numa bonita carta, testemunho esse que vale a pena aqui partilhar.

É pessoa que nasceu pobre de recursos materiais, mas, certamente, com uma grande força de vontade que fez com que ao longo da vida nunca tivesse desistido de pôr a render todos os talentos que Deus lhe deu, por mais (materialmente) pobres que pudessem parecer. Tirou a 4.ª classe com distinção. Depois foi estudante trabalhador. Foi “arrancado” muito novo à sua família para ir trabalhar, ou melhor, “servir” para uma “casa senhorial” onde foi “moço de recados” e fez de tudo, supostamente em troca de um ordenado de 50 escudos por mês... que nunca viu. Dali passou para “marçano” numa farmácia cidadina, sempre de prevenção, 24 horas por dia, de novo supostamente em troca de 50 escudos por mês... que nunca viu.

Veio, depois, a idade da tropa e, durante o serviço militar o início da guerra que levou a prolongar esse serviço para além do normal, numa das zonas onde o conflito foi mais aceso. Para agravar as coisas, na metrópole estava uma jovem esposa e um filho que ficaram esse tempo todo privados da presença de um pai. Para esse tempo de vida militar, desta vez foi a governação do país que foi injusta ao não o creditar como deveria ser para efeitos de acesso aos legítimos direitos sociais de quem esteve nessa situação. Apesar disso, a vontade de lutar contra as adversidades nunca esmoreceu.

Desta vida dura o nosso querido leitor tirou a seguinte lição que aqui vos deixamos: “posso deixar dito que, a vida humana sem sofrimento ou sem cruz não nos abona a viagem até ao Infinito do azul do céu, pois está condimentada com Fé, Esperança e Amor ao Irmão sofredor”.

A sua dádiva é a expressão deste Amor ao Irmão sofredor, considerada “uma graça do Amor de Deus, o Salvador e Redentor do género humano que tudo dobra ou multiplica cem vezes mais.”

Se continua a haver pobreza no mundo é porque o mundo continua pobre de almas assim.

Bem haja este nosso leitor e todos os nossos leitores cuja generosidade é exemplo que precisa de ser multiplicado e de que nos cumpre dar testemunho para que muitos mais o sigam.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □



LAR DO PORTO

Adelaide e Zé Alves

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «*Se queres seguir o Caminho da Luz e chegar a um lugar determinado, esforça-te por atingi-lo com as tuas obras. Ama o teu próximo e aceita como benefício tudo o que te acontecer na vida. Não sejas precipitado no falar e põe à disposição dos mais necessitados aquilo que não te faz falta. Não hesites em dar, nem des de má vontade. Nas desavenças, restabelece a paz, conciliando os adversários — acredita que estás no Caminho da Luz.*»

Vamos dar notícia daqueles que o Senhor colocou no nosso caminho:

A mãe dos sete filhos, anda sempre em aflição, e ainda vai ter mais uma criança em casa, porque vai ser avó. A filha vai continuar a viver com ela. Como ela diz: «É minha filha e não vou pô-la fora de casa». A filha continua no curso, falta-lhe mais um ano e, aí, se Deus quiser, já poderá trabalhar.

Os outros filhos passaram, todos, com boas notas; o que andava para jardineiro, já acabou o curso — agora, só lhe falta emprego. O mais velho anda a ver se consegue entrar na Faculdade.

A mãe acabou o nono ano, mas tem de continuar porque, se não, tiram-lhe o rendimento mínimo. É pena não lhe arranjam um trabalho, mas vamos ter esperança de que ainda possa acontecer.

Esta família precisava de maior ajuda, mas nós não podemos mais. Como se pode ver, é uma mãe muito lutadora a guiar o seu barco, mas também, graças a Deus, tem a ajuda dos nossos Amigos leitores — sem a qual o barco não conseguiria seguir em bom rumo.

A mãe dos quatro filhos e três netos: Estão todos bem de saúde, graças a Deus. Os filhos passaram todos com boas notas. O que andava no curso de padreiro, já acabou; trabalhou durante um tempo e, agora, está desempregado. A filha mais velha, vai começar a trabalhar. O pai das crianças continua fora de casa, para ele é mais fácil viver assim. A mãe é quem tem as preocupações todas — o que com o tempo que

estamos a viver, é muito complicado. Nós continuamos a comprar a mercearia, e assim temos a certeza de que as crianças têm, pelo menos, o mínimo para viverem.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — A D. Helena, de Lisboa, manda duzentos euros; que o Senhor continue a dar-lhe saúde.

Um muito obrigado a todos. Só com estas ajudas podemos continuar a aliviar aqueles que estão sempre à nossa espera.

Boas férias a todos os Leitores e Amigos d'O GAIATO.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Chiquito-Zé

ENCONTRO/CONVÍVIO — Depois de um interregno de dois anos, o nosso encontro/convívio de Setembro volta a realizar-se no santuário de Nossa Senhora da Piedade de Tábuas. Ainda chegámos a ponderar a realização noutra local mas, por um ou outro motivo, optámos pela tradição. Será, então, no próximo dia 25 de Setembro, domingo, que nos voltaremos a encontrar, por volta das 11:30. É preciso trazer o farnel para partilhar ao almoço e merenda, e jogos para convivermos. Não se esqueçam que é importante a presença de todos os que puderem vir e sendo necessário tragam algum que não possa vir por seus próprios meios. A nossa associação precisa de todos para continuar e é por isso que contamos contigo.

Apareçam! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

traçando com modéstia de negro. E quis desabafar a dor profunda que lhe ia no coração, e que não é uma infidelidade, aqui. Com o rosto tisonado, pela beira-mar, revelou-nos a sua tristeza tamanha, de mãe dolorosa: — *Um filho meu foi p'rá pesca e nunca mais o vi. Lembre-se de nós...*

A aparente pobreza daquela alma transmitiu-nos, com acuidade, uma das maiores riquezas do Reino que se vai construindo: almas simples e confiantes no único Senhor.

Não tardou outro lamento, na sequência de um encontro também no litoral. Desta feita, por ocasião da partilha da Palavra, no tradicional terceiro Domingo de Agosto, na Figueira da Foz. Nesta faina, estivemos acompanhados pelo Luís Miguel, João Miguel, Divino, Nandinho e Aquilino. E diante de assembleias muito

vivas e comprometidas, interessadas na vida de um resto de filhos, à procura de sustento e de rumo.

Na missiva que nos confiou, um pai deixou-nos palavras duras e sentidas, de um coração ferido, como que gravadas por um estilete em papel humedecido. Na verdade, lembrava um filho que fazia 38 anos, se não tivesse sido destruído pela droga...

Um rosto eclesial interpelador passa muito por tantas pessoas que vivem amargamente perdas de vidas e as deixam em evidente fragilidade. Aos desalentados não pode faltar a consolação.

Se as sementes dos cristãos incomedam é bom sinal. *Errare humanum est.* O perdão veio-nos do Gólgota, em que Cristo totalmente Se diz, na Cruz. Não aguardemos triunfalismos, pois podemos não O ver e sentir. Ele sorri e soluça até ao nosso lado, ainda mais agora num mundo global.

Tal como S. Pedro, naquele tempo, podemos em certos momentos não admitir que é preciso e crucificante perder a vida. Se o mundo necessita de testemunhas, porque havemos de a desperdiçar inutilmente?...

A nossa sociedade, para ter futuro, não se pode afundar no vazio das ideias. É bem verdade que as margens ajudam a sustentar as páginas do grande livro da Vida. Há imensos encontros amigos e sofridos à espera, para a nossa conversão, de quem não estiola junto ao mar, mas mergulha na Água mais pura, onde O vemos caminhar! □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 47.150 exemplares

PEDITÓRIOS E ASSINATURAS

Padre João

UMA e outra actividade andam de mãos dadas nestes tempos. No Domingo passado estivemos em Anadia, mais concretamente na Paróquia de Arcos. Ali, a tradição da nossa passagem vem de longe também. Padre Horácio, as nossas festas e a venda do Jornal estão inculcados ainda na memória de muitas pessoas... Um outro pormenor interessante e que nos liga é a amizade do antigo Pároco, de saudosa memória, o senhor padre Vilarinho, que ali nos recebeu sempre como se fossemos de família... Padre Vilarinho tinha sido discípulo do nosso Padre Carlos no Seminário dos Olivais do Patriarcado de Lisboa. Eram como irmãos! Não admira pois que a sensibilidade aos mais pobres os tivesse contagiado reciprocamente... A Colónia de Férias da Anadia para os filhos mais pobres das famílias daquela zona da Bairrada, na nossa casa da Praia de Mira, ficava calendarizada ano após ano, sem alteração. Havia então um bom grupo de gente cristã ligada às Conferências de S. Vicente de Paulo que, não regateando tempo e disponibilidade, eram quem lhe dava corpo e

concretização. De destacar a «Fernandinha», mulher empreendedora e de grande acção no meio social e eclesial que era quem aglutinava pessoas e meios para que nada faltasse à colónia. Quantos meninos e meninas daquele meio não encontraram na nossa casa de férias da Praia de Mira uns dias de gozo e de mar – a par de uma formação cristã nunca descurada?!

Ali estivemos pois, pregando o Pai Américo, pedindo a graça da sua beatificação como dom de Deus para a Sua Igreja e bem das almas. Fomos recebidos pelo Pároco de Arcos, o senhor Padre Torrão com muita discrição e amizade. Ainda não contabilizámos os quantitativos que nos colocaram, às portas da Igreja, nas sacas do Gaiato. Observámos na Missa uma Comunidade muito diversificada quanto à faixa etária e muito participativa. Foi um bom auditório para a campanha de assinaturas, sem dúvida...

O incentivo à assinatura d'O GAIATO constitui um dos momentos mais importantes do nosso apelo. Numa assembleia litúrgica em que predominavam crianças e adolescentes acompanhados de

seus pais, o apelo, como é costume, não se fez esperar, com pormenores e tudo... Uma assinatura do Jornal pode ser, inclusivé, uma significativa prenda de anos para os pequenos(as) de alto valor educativo e orientação pedagógica. A educação para a solidariedade e para a partilha não deixa de encontrar neste gesto motivos bons e bastantes.

Muitas pessoas aproveitam também ocasião para satisfazerem o custo da assinatura evitando gastos de correio. Em tudo isto recomendamos, sempre, que o verdadeiro valor do jornal, consiste em lê-lo e meditá-lo, como doutrina cristã. O valor da assinatura é algo decorrente dessa atitude, como resposta de fé e exigência de caridade.

Não podemos ignorar que diariamente chegam à redacção do jornal, por motivos vários, pedidos de cancelamento de assinatura, sendo que os mais óbvios prendem-se com dificuldades de leitura e outras contingências decorrentes da idade dos nossos leitores.

Não fica de fora dos nossos apelos, para além da beatificação de Pai Américo como meta alcançar, as tão necessárias vocações de serviço aos pobres na Obra da Rua, intenções para as quais pedimos oração persistente e continuada. □

SETÚBAL

Padre Acílio

HÁ cerca de quarenta anos que a D. Natividade vinha, semanalmente, com outras Senhoras, à quarta-feira, ordenar a roupa dos Rapazes e a nossa. São uns pontos, é um botão, uma escolha com eleição ou enfeitamento, passar a ferro; enfim, dar uma volta ao vestuário da semana para que fique decente e agradável.

Tem uma história longa este grupo de Senhoras da Quinta do Anjo, Palmela e, agora, Sesimbra. Começou com as Vicentinas de Setúbal que, animadas no seu ardor pelos Pobres, logo nos elegeram como preferidos.

Ainda em vida do Pai Américo, nas poucas vezes que por aqui passou, ouvi contar do seu espanto e elogio ao contemplar o numeroso grupo de Senhoras que, naquela época, deixavam a sua vida para cuidar da nossa roupa.

Hoje, que a nossa Casa se aproximou mais da cidade, ou melhor, que esta se avizinhou mais de nós, com uma população vinte vezes mais numerosa, vem apenas uma senhora ou duas de Setúbal. Vale-nos o corropio dos Pobres, para nos ligar à cidade! Como me dói este abandono.

Se não fora a venda d'O GAIATO na cidade, hoje muito reduzida, a visita de alguns Amigos ao escritório das oficinas, trazer as suas ofertas e pagar a assinatura do Jornal e aqueles três ou quatro dilectos benfeitores que nos trazem o peixe, a nossa ligação afectiva com a cidade ter-se-ia apagado. Não quero ser pessimista! Novo fôlego virá com o rejuvenescimento da fé cristã, mas vai demorar.

A D. Natividade veio ajudar-nos até há cerca de três meses, altura em que começou a sentir falta de forças. Os seus noventa anos não perdoaram.

Logo a princípio, quando a sala de costura era contígua ao lugar do telefone da Casa, eu, na cidade, precisei de dar um recado, ou pedir uma informação, e quem me atendeu foi esta Senhora, cuja voz me não era ainda familiar. Assim, perguntei quem estava do outro lado. — *É uma empregada* — respondeu sem me conhecer.

A palavra voluntário não era tão vulgar como hoje. As pessoas tinham mais consciência de servirem por amor, como instrumento da graça de Deus do que com este epíteto pagão. Ela atrapalhou-se e não lhe veio à ideia, outra forma de responder: *é uma empregada!*

Eu que também não esperava tal réplica, fiz uma festa com minha nova empregada quando cheguei a casa. Foi uma risota com as outras senhoras e a D. Natividade, passou, por graça, a ser tratada por mim, como «a minha rica empregada»!

Ao longo dos anos, muitas têm morrido, deixando-nos, sempre, o doce sabor da Eternidade! Como as recordamos com apego, gratidão e saudade e As pomos no Altar de Deus!...

Tantas me deixaram a imagem concreta, real e próxima do que é ser santa! Silenciosas, disponíveis, alegres, e diligentes. Quantas nos repetiram que o dia de vir à Casa do Gaiato era o seu feriado, o seu retiro, o seu dia santo! Chegámos a ir buscar Senhoras à Sobreda da Caparica, ao Seixal, à Torre da Marinha e a outras povoações próximas destas. Quantas roupas das nossas festas foram feitas e adaptadas por elas! — Para depois brilharem nos palcos e fazerem exultar de alegria os Rapazes e os espectadores!

A D. Natividade partiu para o Céu sem se despedir de ninguém e não ter dado a entender que o seu fim, na terra, tinha chegado. Via televisão com um bisneto ao colo, encostou a cabeça e partiu com um sorriso, que a sua face manteve até a enterrarmos.

Soube vencer grandes sofrimentos: a morte de um genro muito novo, de uma filha e do marido. Não se revoltou. Chorou confiante!

Agora na glória de Deus confirma exultante a sua esperança!

Até breve, D. Natividade. No Céu continua a ser a minha rica empregada! □

MALANJE

Padre Rafael

QUANTAS vezes me vi a implorar perdão, compreensão, carinho... Outras vezes, tive de pedir comida, roupas, dinheiro... E, se não for correspondido, sempre os mesmos sentimentos: raiva, queixas, discussões, insultos. O mundo está cheio deste tipo de mendigos e pessoas dedicadas a humilhá-los. Foi uma pobre viúva, estrangeira, que tinha uma filha muito doente, quem nos deu a maior lição da mendicância. E o próprio Jesus foi o primeiro a recebê-la.

Durante este tempo são muitas as pessoas que estão a construir as suas casas de barro. São muitas as pessoas que nos batem à porta a pedir que as ajudemos a transportar os adobes. Muitas vezes têm de fazê-los onde haja um pouco de água e, depois, têm de transportá-los a mais de dois quilómetros de distância. Como por estes dias apenas temos um tractor em condições de ser utilizado, tivemos que negar essa ajuda, pois temos de preparar a terra.

Há dias, umas velhinhas vieram solicitar o tractor e eu disse-lhes da dificuldade porque estamos a passar e da impossibilidade de atender o seu pedido. Eu pensava que elas me iriam dizer quatro palavras bem ditas ou que me iriam insultar. Mas não foi assim, fizeram silêncio e agradeceram tudo o que temos feito pelas aldeias vizinhas durante estes anos e disseram que se tivesse uma aberta me agradeceriam muito e que pediriam ao tractorista para fazer o trabalho fora do horário da Casa.

A Viúva do Evangelho ensina-nos que não é indigno mendigar para os outros e que agradecer e valorizar qualquer gesto com gratidão, interroga quem o pratica e engrandece quem o recebe.

Em nossa Casa a administração é feita pelos gaiatos com o meu acompanhamento. Todos os meses fazemos um resumo do balanço económico com o que entrou, os gastos e o que temos em poupança. Iniciámos este procedimento há quase um ano e é um passo mais no caminho do auto-governo que caracteriza as Casas do Gaiato. A experiência tem sido surpreendente pelo nível de responsabilidade demonstrado pelos chefes. Neste momento são o Paulo e o Domimi os responsáveis pela economia.

Ontem recebemos a notícia de que possivelmente o governo irá oferecer um transformador de energia para a Casa do Gaiato. Na verdade, se a promessa se tornar realidade, quer dizer que deixaremos de utilizar o gerador e que pouparemos cerca de 1500 euros por mês, que é o que gastamos em gásóleo para o seu funcionamento.

Terminou o segundo semestre da Escola e preparamonos para dedicar 15 dias de trabalho intensivo na Aldeia. A verdade é que há muitas coisas a precisar de reparação em nossa Casa e temos rapazes preparados para realizar esses projectos. O problema é que, às vezes, não temos para comprar os materiais necessários. Mas esse é um problema comum a qualquer Casa. □

Tesouro escondido

QUANTO mais longe o homem estiver da Fonte que sacia o seu mundo interior, mais exposto estará aos perigos que ameaçam a sua dignidade e o transformam em escravo do vazio e do sem-sentido, mergulhado na lama, ameaçado pelas crises mais profundas do seu existir. A pessoa entra em conflito com a sociedade quando está em conflito consigo mesma. A origem deste mal encontra-se na falta de equilíbrio que deve existir entre o interior e o exterior. Jesus censura fortemente tal maneira de proceder, quando identifica a hipocrisia dos fariseus que dizem e não fazem, parecem ser, quando em realidade não o são.

É urgente voltar à Fonte, ao ponto inicial. Como fez o filho pródigo quando conheceu o sabor amargo

das ilusões da sua mocidade. O pai deu-lhe um abraço, naquele dia não faltou festa, o vitelo gordo foi morto, o perdido foi encontrado, o escravo dos prazeres da vida foi revestido de dignidade de filho. Fonte inesgotável de vida de onde jorra o amor.

O projecto educativo de Pai Américo, encontra as suas raízes e a sua razão de ser dentro do projecto do amor de Deus. Numa perspectiva abrangente do amor em acção. No dinamismo renovar do dado da Ressurreição de Cristo.

Dentro desta acção pedagógica, entre vários elementos importantes na educação dos rapazes, encontramos um tesouro escondido e precioso: o amor ao trabalho. Qual trabalho?, perguntou-me, há dias, um rapaz que andava a saber de um emprego. Queria trabalho no

gabinete como um senhor doutor. E aonde estão as habilitações literárias? O diploma, o canudo? Nada. O trabalho é dado segundo as capacidades e competências, para não falar ainda da eficácia e eficiência do candidato. Mas, não importa a qualidade do trabalho, seja qual for, desde que seja digno e possa arrancar da miséria, então serve, e é bom. Ele é fonte de muitos bens e remédio para curar muitos males, pessoais e sociais. Deus abençoa sempre o trabalhador e os frutos do seu próprio trabalho, ao passo que o preguiçoso amaldiçoa-se a si mesmo. Torna-se prisioneiro do nada e vítima para hospedar males infinitos.

Por isso, em nossas Casas cada qual tem o seu dever, desde o maior ao menor. Penso que ninguém se deve deitar tranquilamente quando tem o seu dever por fazer. Aquele que é só e somente seu, e que ninguém pode fazer por ti. O amor ao trabalho traz consigo paz, alegria,

tranquilidade, saúde mental e um espírito eternamente jovem, cujo salário é a bonança e longos dias de prosperidade, acompanhadas por uma força de vontade incrível para transformar a própria vida e a sociedade.

O trabalho sempre acompanhou o homem, e enquanto houver vida ele estará presente, não como uma carga pesada, mas como um bem, um valor, um verdadeiro tesouro e até mesmo como caminho de santificação. E, não tenho dúvidas de que para quem não tem prata e ouro, o trabalho é o único tesouro garantido. O amor ao trabalho é a maior herança que um gaiato pode herdar da nossa Obra. É claro, que será feito naquele conjunto de bens espirituais e materiais no qual a Obra está vocacionada. O pão nosso de cada dia tem um sabor especial depois de uma jornada laboral. O preguiçoso não sabe apreciar o pão. Não lhe pertence, não tem direito. O que o preguiçoso sabe

fazer com perfeição é esbanjar o pão e falar mal de quem é merecedor. O pão de cada dia é para os que têm coragem de lutar, e se esforçam por ultrapassar a ociosidade.

É verdade que hoje as coisas se confundem muito: trabalhar ou deixar de trabalhar pensa-se que é a mesma coisa. Reparemos que não é bonito e justo que no fim do dia tanto o trabalhador como o preguiçoso se sentem à mesma mesa para tomar a refeição. Se cada qual colhe o que semeou, oxalá a colheita seja abundante, para o bem da comunidade. Pois quem não trabalha não deve comer, diz São Paulo. Aqui todos têm o mesmo direito, não para fazer preguiçosos, mas porque estão a preparar-se para o trabalho e para a vida. O trabalho nunca é maçador, apenas exige esforço e dedicação, mas um pouco de amor pode torná-lo bonito e agradável, compensador e cheio de vida.

Padre Quim

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

TEM sido um tempo maravilhoso, passado com os Rapazes de Setúbal, em férias no Portinho da Arrábida. Tenho bebido o verde da montanha e deixo os meus olhos perdidos no azul do mar. Há sinais palpantes do Frei Agostinho da Cruz o grande poeta místico que aqui passou em silêncio exterior, os seus melhores anos. O Conventinho continua de pedra e cal a desafiar os séculos, a pregar o valor do eterno. Pena não ter à mão os seus poemas. Valho-me de Sebastião da Gama que encheu de verde e azul os seus versos, embebidos na beleza deste lugar.

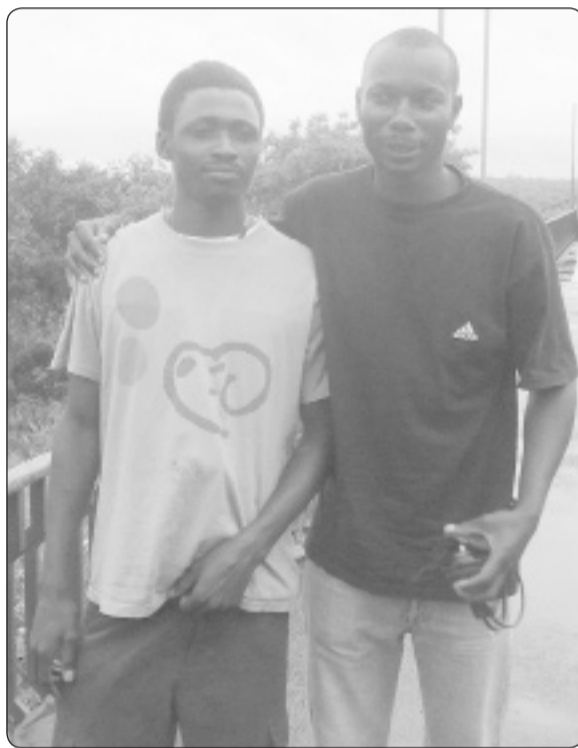
Mas tenho aproveitado o tempo para rezar, ia a dizer descansar, que não há melhor descanso que a oração. "Só em Deus descansa a minha alma" diz o salmo. Santo Agostinho exprimiu melhor ainda a sua vivência após uma juventude transviada «fizeste-nos para vós Senhor e o nosso coração não descansa enquanto não repousa em Vós».

Tenho-me valido dos livros de Pai Américo que Padre Acílio aqui tem à mão. Pão dos Pobres, Doutrina, Viagens, Correspondência dos Leitores. O Doutrina traz na capa a Cruz da nossa primeira Casa em Moçambique. Era uma Cruz muito grande em madeira de eucalipto. Muito grande e pesada para fazer a Via Sacra entre a pequenina casa que então ocupávamos e o lugar onde íamos levantar a Aldeia. Tínhamos convidado o Senhor Arcebispo para presidir que, vendo a nossa aflição com tão grande Cruz deu a mão de vez em quando. Depois dizia que passou dois dias com o ombro derreado. Assim nós todos também, para sentir melhor e marcar-nos a todos para o sentido da nossa futura Aldeia. Lugar de regeneração.

Nesta nova Aldeia foi semelhante. A Cruz em pau ferro. Muito grande. Quando assentou no lugar onde então pensávamos iria ser o centro, a travessa desprendeu-se e por Deus não apanhou o Alfredo Batata, um dos antigos gaiatos que ali apareceu. Vai há vinte anos feitos em 26 de Agosto Compusemos a Cruz que ainda hoje se conserva ao lado de quem sobe à Capela. Era para ser ao fundo do Altar na parede de pedra, apanhada ali mesmo naquele lugar. O nosso amigo Arq. João Araújo que fez a planta da dita, ofereceu um vitral com um Cristo sempre vivo, quando

a luz o trespassa. Há também mais dois vitrais, um da Visitação e outro da fuga para o Egipto e uma pintura em linho que emoldura a Cruz. O conjunto é uma catequese sempre actuante do mistério da Redenção que é afinal o sentido profundo da nossa Obra. O Crucificado a olhar a humanidade que continua a crucificar outros. Não a Ele. Os crucificados de todos os tempos e lugares, sobretudo do nosso. «O mundo revolve-se enquanto a Cruz permanece» gravou Pai Américo no Cruzeiro da Capela de Paço de Sousa. Nesta revolução do mundo em que tantos são crucificados, Ela, a Cruz, permanece. O único valor é a salvação do homem, à custa do seu sangue. Os outros valores apodrecem e desfazem-se. Dissipam-se e volatilizam-se. Só o valor do Homem, que é Deus no homem, permanece.

Ora aqui está um pouquinho do que eu bebi nos livros de Pai Américo, que há muito não relia, à mistura com as circunstâncias em que me encontro, o temporal e o eterno. E tenho vontade de voltar a eles. Quanto ele disse dos sofrimentos do Pobre tornou-se a garantia da existência das Casas do Gaiato. Deu para compreender bem que os Pobres são a nossa riqueza e por isso não há Obra como a nossa. □



BENGUELA

Padre Manuel António

Valores humanos

GRUPOS de jovens, adolescentes e crianças, devidamente organizados, buscam, frequentemente, a nossa Casa do Gaiato. São escuteiros e outros movimentos. Gostam dum espaço adequado para o exercício das suas actividades, durante algum tempo disponível. Esta procura é interessante. Sentem-se bem. Deste modo, são ajudados no seu crescimento humano e espiritual. O contacto com a nossa Casa leva-os a descobrir um irmão em cada um destes filhos. Quem dera o amor gerado nestes encontros seja uma verdadeira ajuda mútua.

Há dias, passaram pela nossa Casa cerca de duas centenas, com diversas idades. A admiração pela beleza do ambiente via-se estampada nos seus rostos. Mas, para quem estava feito tudo o que os seus olhos viam? Para os filhos que não tiveram a felicidade duma família normal. São portadores do mesmo valor humano, por isso, têm direito a viver e crescer em condições de dignidade possível. Ajudamos, deste modo, a criar um ambiente social mais familiar. A criança da rua, na medida em que sentir amor da

parte doutros filhos a crescer em ambiente familiar normal, está a ser ajudada a fugir do caminho do vício e degradação. Ao escrever estas Notas, sinto-me muito próximo doutro grupo de 50 rapazes e meninas que vieram passar o fim de semana, acampados debaixo das árvores frondosas e cheias de beleza. É uma convivência saudável e estimulante, de parte a parte. Vamos mantê-la.

A ocupação do tempo, durante a pausa pedagógica escolar, por que estamos a passar, pede-nos um cuidado especial. Queremos aproveitar este período com uma ou outra ocupação, diferente do que é normal, para um maior enriquecimento humano, embora numa forma muito simples. Assim aconteceu. Ontem, o grupo dos mais novos e pequeninos foi visitar uma padaria de pessoa muito nossa amiga. Viram tudo o que era preciso, para saber como aparece o pão que comem diariamente. Fui testemunha. Participaram, também, numa ou noutra acção, de tal modo que as conversas, ao chegarem a Casa, eram lições de padeiros. Desde o mais pequenino, com cinco anos,

até ao mais crescidinho, o interesse foi magnífico. Quem dera não faltasse aos filhos, da parte dos pais, todo o acompanhamento possível, para um crescimento saudável e equilibrado!

Estão a bater à porta. É a mãe idosa a comunicar que a sua casa está a cair e necessita de cimento, areia e pedra. Prometi ver a situação no local. Quem dera houvesse disponibilidade de tempo e meios para acudir a tempo e horas às situações mais aflitivas! Outro homem espera a mesma ajuda. Entretanto, com a porta aberta, vejo os rapazes nos seus trabalhos, a ocupar os tempos livres da escola. É muito interessante e de muito valor humano o acompanhamento voluntário prestado por um dos nossos rapazes mais velhos, já com a sua vida organizada. Dá os seus tempos livres com muita generosidade e eficácia aos seus irmãos mais novos, na fase da sua preparação para a vida. Está a fazer muito bem.

As aflições partilhadas convosco, ao longo do tempo passado, continuam de pé. Estou ansioso pelo fim das férias dalgumas pessoas amigas e responsáveis, na expectativa das respostas consoladoras, a respeito do emprego dos rapazes mais velhos e das ajudas financeiras para as necessidades muito urgentes. Continuamos à espera com muita confiança! □

CALVÁRIO

Padre Baptista

Servir

DEPOIS da refeição alguns doentes vão junto do que se encontram nos leitos ou não podem deslocar-se à sala de jantar para também os servirem.

O Artur vai com o prato na mão. Pergunto-lhe, sabendo de antemão a resposta.

— Para quem é essa comida?

— É para o meu.

— Mas como se chama ele?

— Não sei. É para o meu.

O dicionário dele tem poucas palavras. Nomes, parece que lá não existem. Ora, o Artur, quando está com a pinga, aumenta as páginas do dicionário. E, então, fala pelos cotovelos. Passada a ressaca volta ao normal. Nomes não é com ele. É o meu. Pela tardinha, entro no pavilhão dos homens e o Carlos, ofegante, vai com uma bacia nas mãos e atira-me à cara, não com a água, mas com a aflição:

— O meu está sujo. Vou lavá-lo.

Aqui, em Casa, todos os dependentes são de alguém. E, por isso, o Carlos anda sempre com o meu na boca. Evidentemente que este *meu*, aqui, não significa a posse de alguém, mas aquele a quem se está disposto a servir, à maneira de Cristo, que também veio não para ser servido mas para servir.

Se nas paróquias todos tivessem o *meu*, não eram necessários programas de ajuda nem estudos sociológicos para resolver o problema dos Pobres. E os cristãos dariam cartas. Até haveria disputa pelo *meu* como aqui. Ai quem se atreva a dar de comer ao meu do Carlos. Temos zanga pela certa. Mas, para muitos, o *meu* é a própria pessoa. O egoísmo campeia. Pois aqui, o *meu* é aquele a quem se está disposto a servir. □

SINAIS

Padre Telmo

JESUS deu-nos uma nova ordem — alicerçada no amor e no perdão: «O que não tem pecado que atire a primeira pedra»; o vitelo mais gordo, o anel no dedo e o abraço do pai — para o filho perdido que voltou; o samaritano a cuidar do judeu enquanto o sacerdote e os grandes o deixaram caído; Zaqueu desce e aceita o meu amor; Teu perdão e carinho pelas prostitutas; toma o teu leito e vai, o sábado caiu; hipócrita, tira a trave do teu olho; perdoar 70x7 e amar os inimigos.

Uma reviravolta. Uma nova ordem.

Nem judeu, nem grego, negro, branco, amarelo — todos irmãos — filhos do mesmo Pai do Céu. Maravilha! A Luz de Deus. E mais: Todos esperavam um Messias imperador e não o Servo sofredor a lavar os pés dos Seus discípulos.

* * *

Zaqueu era um homem pequeno e teve de subir a uma árvore para Te ver! Olhaste para cima e disseste-lhe: «Zaqueu, desce que hoje quero comer em tua casa». «Quê?» E desceu rápido para Te receber.

Durante a ceia não fizeste qualquer referência à sua vida pouco edificante. Somente olhares de ternura e de perdão... Zaqueu converteu-se a Ti — totalmente! Deu de seus bens e o que tinha roubado.

Como Tu és delicado e gentil! Lindo.

* * *

O samaritano fez-se próximo do homem batido e espancado! Sentiu compaixão. Esta o levou a tratá-lo com eficiência.

O Evangelho apresenta muitas vezes ao nosso coração a Tua compaixão:

Pelos que curaste;
pelos que tinham fome;
e, surpresa grandiosa,
pelos que Te insultavam.

Desmontas-Te toda a velha ordem, para o novo universo do amor!

Se encontrares alguém batido e espancado, imita o samaritano.

«Vai, faz tu o mesmo.» □

PENSAMENTO

Pai Américo

Oh! Pelicano, que morres exangue... por amor! É precisamente este amor operoso que produz e vem trazer a casa tudo quanto é necessário ao sustento dos filhos. Esta doutrina é certa. Nós temos de a dar ao mundo, encher as almas de boa vontade. A fome e sede que por aí andam é precisamente destas verdades. □